UM PEQUENO-ALMOÇO

Carmen L. Oliveira

Foi quando Rosiska me convidou para conhecê-la em um pequeno-almoço. A celebrada humanista estava no Rio de Janeiro, para participar de um fórum sobre liderança feminina, patrocinado pelo Centro de Liderança da Mulher. Rosiska Darcy de Oliveira, presidente do Centro e amiga pessoal de Maria de Lourdes Pintasilgo, a estava hospedando em sua casa, na Floresta da Tijuca.

Fiquei a imaginar como seria aquela mulher. Já a sabia de meia-idade e estupendamente competente, especializada na solução de problemas difíceis.

Como seria aquela mulher, acostumada (embora não conformada) a se sentar ao lado de dezenas de homens sisudos, de fatos escuros e grossas lentes, com a rechonchudez dos bem-nutridos, dispostos em andares de semicírculos, nos quais ressaltava uma única figura feminina – ela?

Como seria aquela mulher, escolhida, entre tantos homens marcantes, para presidir a Comissão Mundial Independente sobre População e Qualidade de Vida, a que proclamava que era mister acabar com a pobreza e não com os pobres?

O que teria eu a dizer à mulher que encabeçava o Comitê dos Sábios da União Européia?

No dia aprazado – belo dia de céu muito azul a combinar exemplarmente com o verde do arvoredo – chega Maria de Lourdes à varanda onde será servido o pequeno-almoço. Aparentemente, ela dormira tarde, e o sol já ia alto no céu. Traja uma blusa multicolorida, parecem-me fragmentos de bandeiras nacionais, e uma saia longa. Olha-me, receptiva. Ao sermos apresentadas, sorri um sorriso cordial, sem descerrar os lábios. Seus olhos se voltam para a mesa posta: porcelana de delicado traçado, talheres disciplinados em três cantos do prato, diversas variedades de pães, uma jarra com suco de laranja, queijos, geléia, bolo de milho, copos de cristal. Suas primeiras palavras: – Eu sempre quis saber se no Brasil o pequeno-almoço é como aparece nas novelas...

Risos desabrocham. Aquela singeleza brincalhona dissipa a apreensão anterior. Sentamo-nos e conversamos amenamente, enquanto trocamos comentários airosos sobre os quitutes oferecidos. Muito gentilmente, Maria de Lourdes me pergunta sobre minha atividade de escritora e mostra-se interessada em minha biografia da dupla Elizabeth Bishop e Lota de Macedo Soares.

De repente, um formidável grito, estridente e acusatório. Maria de Lourdes ergue as sobrancelhas, a xícara de chá no ar. É um improvável pássaro urbano – explico – que parece ter vocação para a delação. Pousa nos telhados das casas e protesta, com grande clamor: Bem-te-vi! A ave afrontosa está à nossa frente: peito

amarelo, casaca escura, cabeça preta com mancha amarela no vértice, sobrancelhas prolongadas numa fita nucal, parece estar usando máscara de salteador. Maria de Lourdes a admira.

Começamos a falar de pássaros, e eu recordo dos meses que passei no Norte de Portugal, aos seis anos, na aldeia natal de meu pai. Lembro-me claramente do impacto que me causou o canto do melro. O filho do caseiro fizera um degrau com as mãos para que eu espiasse o ninho com filhotes, mas o cantor estava ausente. Por tudo, meu coração experimentou a doçura.

Em meio a um gole de chá e uma pitada de geléia de goiaba, Maria de Lourdes faz-me sentir extremamente confortável. Desando a desfiar lembranças de minha inesquecível infância em Fundoais. Falo da procissão para o lagar, os homens tocando sanfona, zabumba e triângulo, a meninada descalça acompanhando o cortejo, aos pulos. O cheiro inebriante da uva pisoteada. Falo de mim, uma menina sentada com um cutelinho na mão, proibida de intervir, mas assistindo extasiada à ceifa do trigo, as mulheres curvadas desaparecidas atrás do trigal, os homens recolhendo os molhos. Cantando a duas vozes, ao entardecer.

Maria de Lourdes se comove, e logo somos duas portuguesas a conversar sobre a vida rural. Olivas, vinhedos, embutidos. Rotinas e rituais. Lembro das muitas canções populares que ouvi no campo e começo a cantá-las, a castanholar ruidosamente. Que falta de cerimônia!

Para minha surpresa, Maria de Lourdes começa a cantar, também. Juntas, estalamos os dedos, marcando o vira, e recordamos o que o povo canta em Portugal:

Azeitona miudinha
Apanhada pro lagar
As raparigas d´agora
Ó meu rico Chico Chico
Andam loucas por casar...

Azeitona miudinha
Apanhada uma por uma
Esses rapazes d´agora
Ó meu rico Chico Chico,
Não têm vergonha nenhuma...

Rosiska chega e nos flagra nessa função. Todas rimos abundantemente. Levo a mão ao queixo, miro aquela mulher que me desconcerta. Tinha sido gentil, suave, atenta, espontânea, dadivosa, alegre. Então aquela era a senhora que comandou um país e influiu nos destinos da humanidade?

Por causa dessa senhora, durante um pequeno-almoço fui serafim.

Carmen L. Oliveira é de nacionalidade brasileira e escritora. Entre as várias obras que publicou, destacamos «Flores raras e banalíssimas».